

CRENÇA & LETRAS

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR

P.º Antonio Hermano

DA

Direcção do Collegio Vimaranesse

DE

S. DAMASO

Redacção
e Administração:
Collegio
de S. Damaso
Guimarães

Anno 600 rs.

Os artigos
aqui insertos são
da responsabilidade
dos signatarios

Os originaes devem
estar na redacção
até o dia 20 de
cada mez.

Summario — Anverso e Reverso, *Bruno d'Almeida* — Amor de Anjo (poesia), *A. Moreira Bello* — Anarchia, *P.º Antonio Hermano* — O Suicidio, *Rodrigo Moreno* — Vantagens da educação em collegios, *Bruno d'Almeida* — Meditações, *P.º Antonio Hermano* — Acta Mensis.

ACTA MENSIS

A Historia e as fabulas

No prologo das fabulas de Phedro está bem indicada a origem e fim d'estas composições allegoricas: é a mesma quartada que dá o Tasso:

E che'l vero conditto in molli versi
I piu schivi affetando ha persuaso.

Inventaram-se para as pessoas grandes, para os grandes que não queriam ouvir, que se offendiam de ver a verdade nua e crua, e só a toleravam com alguma indulgencia quando assi n'condimentada, e disfarçada em parabolos.

Inventou-as a olmoxia servidão: inventou-as o servilismo do escravo para não desprezar o devaso orgulho do senhor. E só por este modo supportava alguma rara lição de moral a profligada aristocracia grega e romana, bem como em posteriores tempos o orgulhoso e sybarita feudalismo

só tolerava alguma rara lição moral na bocca de seus bobos e annões. E por este modo, e como escravos romanos ou bobos senhoriaes, é que nos havemos de apresentar ás portas da vida a receber o nosso pupillo para o guiar no caminho da experiencia com subterfugos de fabulas e contos da carochinha? Havemos nós que professamos uma religião de razão e de verdade, que vivemos n'um seculo «experimental», de exação e illustração, que habitamos esta nossa Europa de hoje, christã, livre, illustrada, havemos de ensinar a nossos filhos, educar os nossos cidadãos com allegorias de pagãos e de escravos?

Um bom livro que contivesse—primeiro, historias verdadeiras, bem escolhidas e tiradas das antigas e modernas chronicas,—segundo, vidas de homens celebres, uma especie de Valerio—Maximo e Plutarcho da mocidade, em que se achassem, não gregos e romanos sómente, mas varões illustres de todos os povos, e principal-

mente nossos,—um livro tal preencheria todas as condições que em vão se buscam nas fabulas.

Epaninondas, Aristides, Socrates, Alcibiades, Annibal, Mithridates, Bruto, Fabricio, Catão, Tito—o proprio Nero,—Atilla, Theodorico, Rodrigo Belisario, Alfredo, Henrique IV, Affonso Sabio, Affonso Henriques. Egas Moniz. Nusiálóres. Las Casas, Bartholomeu dos Martyres, Martim de Freitas, João de Castro, Albuquerque, Pacheco, o Infante Santo. Howard, Turenne, Felon, e mil outros de todos os tempos e nações, ensinaram, pelo menos, tão boa moral como a «commadre regonha, o compadre rato», e outras distinctas personagens das chronicas de Esopo e seus discipulos. De mais, fabula quer dizer fingimento; e fingimento é mentira; e mentira nem zombando se deve ensinar ás creanças: é mau divertimento, não se lhes deve deixar folgar com elle e como brincos de lume, que a mais desquidada ama sêcca lhes não permite. «No tempo que os bichos fallavam:» começam os apologos de tradição oral que se contam aos meninos: bem sabemos que inda quando creiam n'isso, não o podem crer muito tempo; mas para que é essa idéa falsa, por pouco que dure? Sempre é mau,—é pessimo; faz-lhes perder o horror à falsidade, ensina-lhes a «contar contos» e a não olhar a verdade como uma coisa sancta, com a qual não é licito, não é possível brincar, que nem se deve nem se pôde saber dissimular, ou alterar no minimo ponto. Deve pois ser um livro de historia o primeiro que aos meninos se dê; não historia methodica e seguida, mas, conforme disse, uma collecção de factos e ditos, e de vidas de varões celebres, bem e singelamente contados em linguagem casta e fluente.

Sei que não temos este livro em portuguez, mas sei que não podemos passar sem elle. Não faltam livros parecidos em inglez e allemão: nem seria longa ou difficil tarefa compôr um em nosso idioma, imitando, sem traduzir, aquelles. Eis ahi como a mim me parece que se deveria arranjar este livrinho.

A. Garret.

Retrospecto do quadriennio

Faz bem recordar o passado quando elle é uma seriação de progressos. O collegio de S. Dámaso tem um passado assim; por isso não vacilla em rememoral-o.

Aberto à frequencia em outubro de 1890, por uma Direcção muito desajudada de recursos mas muito trabalhadora e algum tanto experiente, conseguiu ao fim d'aquelle primeiro anno lectivo uma frequencia interna de cerca de 80 alumnos.

Era conseguir muitissimo. Era mesmo um caso unico. Em geral os collegios só attingem internato egual, ao fim de largos annos de esforços, se é que o conseguem. Este facto traduz muita dedicação e muita protecção... de Deus.

A cifra de exames e approvações n'esse anno foi honrosa e compensadora. 110 approvações e algumas distincções em 122 exames, foi o resultado.

Principiou então o collegio a ter nome e creditos; e taes foram que a frequencia interna se elevou logo no anno seguinte a 100 alumnos, não obstante a creação do Seminario de N. S. da Oliveira que fatalmente havia de produzir uma sensivel depressão no internato. O resultado d'exames tambem n'esse anno foi muito lisonjeiro havendo 157 approvações e algumas distincções em 149 exames. Consequencia immediata: a confirmação do bom nome do collegio.

O anno seguinte, 1892-1893 foi mais um excellento passo, um firme avango. A frequencia elevou-se a 115 alumnos e tam distincto foi o exito dos exames, que até hoje não foi egualado por nenhum outro estabelecimento: 182 approvações, 9 distincções e só 6 reprovações.

O ultimo anno, de 1893-1894 não foi menos feliz: o internato elevou-se a 130 collegiaes e o resultado dos exames foi superior ainda ao anno anterior sobretudo em distincções, pois houve cerca de 200 exames, 192 approvados e 25 distinctos!

Creio, pois, que não aberro da verdade nem me inclino á parcialidade, dizendo rasgadamente que tem jus á estima e á confiança publica o collegio que em quatro annos seguidos tem dado provas tão cabaes da proficiencia de sua educação literaria.

A. H.

Lista dos exames no anno lectivo
de 1893-1894

(Continuada do n.º 6)

FRANCEZ

Professores

P.º Manoel Joaquim R. de Castro
Dr. Manoel Montenegro Carneiro

Examinandos

Abel A. de Freitas Torres (*Guimarães*)
Abilio Antunes d'Azevedo (*Villa do Conde*)
Abraão Mauricio de Carvalho (*Mirandella*)
(distincto)
Acacio Jorge Guimarães (*Braga*)
Albino Mendes d'Oliveira (*Fafe*)
Alfredo Teixeira Machado (*Barrosas*)
Amandio A. A. de Mello Caldas (*Braga*)
Amilear Barca Martins da Cruz (*Angola*) (dis-
tincto)
Annibal de Mesquita Guimarães (*Porto*)
Antonio de Freitas Torres (*Vizella*)
Armando M. Pinto Rodrigues (*Guimarães*) (dis-
tincto)
Florencio Leite Pereira de Souza Lobo (*Fafe*)
Gaspar A. Pereira Guimarães (*Louzada*)
General M. Bourbon Sampaio (*Guimarães*)
Herculano Xavier da Silva Guimarães (*Braga*)
João Faria Soares d'A. Queiroz (*Louzada*)
Joaquim Alves Carneiro (*Chaves*)
José Castmiro da Costa (*Braga*)
José J. D. Fortuna e Silva (*Viaia*)
José Martins Gomes (*Santo Thyrsso*)
Manoel José Martins (*Santo Thyrsso*)
Manoel Lopes Leite de Faria (*Vizella*)
Manoel Bernardino d'Araujo Abreu (*Guimarães*)

App. 21—Distinctos 3—Rep. 2

LATIM

(1.ª PARTE)

Professor—P.º Aureliano da Silva Tavares

Examinandos

Abilio Cerqueira da Rocha Miranda (*Felgueiras*)
Alberto Machado Sampaio Bastos (*Guimarães*)
Albino N. da Costa Leite (*Lixa*)
Albino d'Azevedo Mai (*Maia*)
Antonio das Machado (*Porto*)
Carlos Ribeiro Borges (*Porto*)
Fernando Mendes de Vasconcellos (*Amarante*)
José Carneiro Leão Queiroz (*Paços de Ferreira*)
José Joaquim Ribeiro Barbosa (*Louzada*)
José Ribeiro M. de Sá e Mello (*Vizella*)

João Monteiro de Meira (*Guimarães*)
José Sumavielle (*Fafe*) (distincto)
Manoel Antunes d'Azevedo (*Villa do Conde*)
Raymundo Antonio Ramos (*Mathosinhos*)

(5.º ANNO)

Professor—P.º Antonio Hermano

Examinandos

Albano Gustavo de Mesquita Cirne (*Santo
Thyrso*)
Basilio Augusto Vieira Pinto (*Barrosas*)
José Ferreira Leite (*Guimarães*)
José Ribeiro Guimarães (*Louzada*)

(6.º ANNO)

Professor

P.º Aureliano da Silva Tavares

Examinandos

Alberto Pereira Leite de Magalhães (*Felgueiras*)
Antonio da Fonseca Pereira Guimarães (*Felguei-
ras*)

App. 20—Distincto 1

PHILOSOPHIA

Professor—P.º Antonio Hermauo

Examinandos

Abilio Cerqueira da Rocha Miranda (*Felgueiras*)
Albano Gustavo Mesquita Cirne (*Santo Thyrsso*)
Alberto de Souza Moreira (*Famalicia*)
Avelino Augusto Pereira Pinto (*Barrosas*)
José de Freitas Ribeiro de Faria (*Vizella*) (dis-
tincto)
José Ribeiro Guimarães (*Louzada*)
Luiz Augusto d'Araujo (*Braga*) (distincto)

App. 7—Distinctos 2

LITTERATURA

Professores—Dr. M. Montenegro Carneiro

Examinandos

Abilio Cerqueira da Rocha Miranda (*Felgueiras*)
João Monteiro de Meira (*Guimarães*)

José Ferreira Leite (*Guimarães*)
 José de Freitas Ribeiro de Faria (*Vizella*)
 José Joaquim Ribeiro Barbosa (*Louzada*)

App. 5

DESENHO

(1.º ANNO)

Professor

P.º Firmino Freitas R. de Faria

Examinandos

Alberto Ribeiro Jorge (*Guimarães*)
 Aguiar Teixeira da Costa (*Felgueiras*)
 Alfredo Teixeira Machado (*Barrosos*)
 Amílcar Barca Martins da Cruz (*Maia*)
 Artur Candido Martinó (*Guimaraes*) (distinc-
 to)
 Arthur de Mello Freitas Pinto (*Agueda*)
 Elias Gomes (*Panaliço*)
 João de Faria Soares d'Almeida Queiroz (dis-
 tincto)
 Joaquim Torres (*Vizella*)
 José João Duarte Fortuna e Silva (*Maia*)
 José Ribeiro Vieira de Castro (*Fafe*) (distincto)
 Manoel Francisco Sol (*Maia*)
 Luiz Alves Carneiro (*Chaves*)
 Manoel Lopes Leitão de Faria (*Felgueiras*)
 Manoel Bernardino d'Araujo Abreu (*Guimarães*)
 Nicolau d'Arrochella Vieira d'Araujo Sodré
 (*Chaves*)

(2.º ANNO)

Aguiar Teixeira da Costa (*Felgueiras*)
 Albino da Costa Maia (*Barrosos*) (distincto)
 A. F. C. (*Santo Thyrsó*)
 Arnaldo Vieira Neves da Cruz (*Maia*)
 Arthur de Mello Freitas Pinto (*Agueda*)
 Gaspar A. Pereira Guimarães (*Louzada*)
 Joaquim Torres (*Vizella*)
 Joaquim Ventura da S. Pinto (*Porto*)
 José Sumavielle (*Fafe*) (distincto)
 Seraffim Fernandes de Luna (*Taipas*)

App. 25—Distinctos 5

TOTAL

Approvações	192
Distinções	25
Reprovações	7

FICOU

Distincto em tres exames

Albino Costa Maia

Distinctos em dous exames

José Ribeiro Guimarães
 José Lumavielle
 Abrahão Marício de Carvalho
 Amílcar Barca Martins da Cruz



O COLLEGIO DE DÁMASO

NA

EDUCAÇÃO E NO ENSINO

POR

ANTONIO HERMANO

Um volume de 80 paginas

(Distribuição gratuita)



CRENÇA & LETRAS

1893

Um vol. em percalina. 800 rs.



NO PRELO

PÁGINAS RELIGIOSAS



ANVERSO E REVERSO

Este seculo é o simbolo da audacia e da descrença. Audaz como nenhum, tem metamorphoseado a face do globo, tem dominado com sua mão hereculea as forças mais validos e as leis mais intimas da natureza. Sob o impulso de sua alchimia potente desentranha-se em milagres a sciencia deixando a perder de vista os tempos idos. Dir-se-hia que um novo *fiat* creador e vibrante vergou o mundo aos pés do homem, e lhe pôz na intelligencia o lume do genio com que desfere titanicos adejos. Conquistou jus ao culto das gerações porvir içando desassombradamente o balsão do progresso.

Da immensa peripheria do orbe resaltam de roldão os avanços e inventos, mechanicos, artisticos, industriaes, scientificos, sociaes, como o disco iriado do sol dardeja feixes de raios luminosos.

Povou-se o mundo de fabricas, que sem o despendio de força braçal, realizam trabalhos gigantesos.

Fez-se da imprensa o sexto sentido do homem, e vestiram-se-lhe as azas d'oiro com que se vae espaços acima a galgar as distancias, a vencer as edades, a diffundir luz e a alqueivar a inexaurivel gleba do pensamento.

Deu-se um novo roteiro á navegação, vasando no mar Vermelho as aguas do Mediterraneo; scindem-se as Americas em dois continentes, transformando Panamá, de isthmo em canal; desceu-se ao fundo dos mares e revolvem-se as penedias no leito do occano; deu-se força ascencional aos aereotatos e passeia-se a região das nuvens...

Semeou-se de vapores a superficie esmeraldina do globo, e fez-se ouvir o silvo estridente da locomotiva, no seio da culta Europa e nos remotos aripennes do Continente Negro, nos plainos uberrimos do Novo mundo, e na zona civilizada da florescente Australia.

A electricidade, novo fanal de mundo, vive submissa no

gabinete do sabio e na officina do artista; é terror se das nuvens fulgura sinistra, mas é tambem largo horisonte para as sciencias e recurso enorme para as industrias.

Este seculo sob o ponto de vista material é grande: em cada paiz, em cada tracto de terra em que haja fineado a alavanca de seu poder, deixa uma pagina brilhante, pagina que traduz uma epopêa de benemerencias, epopea que tem o valor d'uma apothese, apothese que synthetisa mil grinaldas victoriaes.

Este seculo é gigante! tem a polidez d'um espelho de Veneza e a magestade augusta d'um velho encanecido em todas as lides e em todas as sciencias, cujo peito profusamente condecorado relembra um estendal de glorias. O perpassar dos tempos sóe puir e esgastar o marmore ou o granito dos monumentos, oxidar o bronze das estatuas, subverter a raças e os povos, mas não puirá nem oxidará jámais, a legenda que ao seculo desenove será inscripta entre saphiras no frontal do templo da historia.

*

Todavia não ha medalha sem reverso, e esta tambem o tem. Se a feição material do momento que passa, tem direito incontrastavel á nossa admiração, o seu lado philosophico religioso e moral, occusa uma descida assustadora.

A licença, tomando a desenvoltura provocadora das odaliscas dos harens levantinos, leva de vencida a moral e rompe com desusada afoiteza os diques do decoro.

A religião retalhada em mil questões, é triturada pelos parasitas da sociedade, é alvo para todas as pedras, inimigo para todos os tiros.

O racionalismo, vendo um repto audaz nos dogmas e misterios do christianismo que não sabe comprehender, appressa-se a levantar o imaginario cartel, para vingar a razão que lhes é idolo.

Os sectarios do indifferentismo, atheismo, deismo, e *tutti quanti* vegeta na calmaria pôdre, accommodam-se placidamente n'um bergantim de gosos e lá vão, mar da vida

em fora, a sabôr da religião natural, que é mais aprasível ao *dulce far niente* dos que só crêem no prazer.

O positivismo e materialismo eternamente sepultados no hypogeu da materia, fazem fluctuar ás auras da sciencia o seu estandarte chato e vil e cortam ceree tudo o que transcende a esphera dos sentidos. Os peixes das tenebrosas cavernas Kentouki conservam o sentido da vista no estado rudimentar, porque na sua morada jámais penetrou uma restea de luz, e os positivistas atrophiam a razão porque não ousam ascender ao legitimo campo de seu exercicio. A vadiagem de todas as classes, caudal a que affluem as escorias e sedimentos de todas as classes sociaes sentindo-se açulada pelos gritos da consciencia amarrada ao poste de mil crimes, sacode para longe o fardo irritante da religião, a creença n'uma vida futura e n'um Deus omnipotente que a ligará ao equileo da eterna punição.

As sociedades maçonicas são uma temerosa potestade da hora presente. Inquilinas do sub solo tem querido vedar á vista de profanos a effervescencia que estua lá dentro no recinto das lojas. Que mal lhes fará a luz pura do dia? Porque é que a maçonaria não será franca, dizendo-nos o que quer e a que vem? E' porque a base do seu programma é a destruição do catholicismo e de toda a authoridade; é porque, infame e covarde até o assassinio, hipocrita até a mentira, grotesca até a estupidez, visa a fins perversos, e vale-se de meios illicitos; é Leo Taxil quem o diz com perfeito conhecimento de causa, porque foi alto dignatario da seita.

No campo scientifico reina a mais pavorosa Babel de ideas, systemas e questões; ninguem se comprehende no meio d'esse marulhar febril do pensamento, que toma por differentes veredas, acudindo algumas vezes ao rebate da consciencia, mas quasi sempre aos sordidos estímulos do interesse ou ás enganosas miragens da politica, ou ao impulso brutal da inveja e do orgulho. Quer-se expungir da face do globo tudo o que rescende a christianismo, tudo quanto tem fragancias divinas. De todos os lados se desatam chuveiros de settas hervadas, sobre esse monolitho cujo perfil se desenha ao lon-

go de tantos seculos, firme como a rocha marpea, formoso, como a Phenix e como ella renascendo das proprias cinzas, impassivel deante das tempestuosas rajadas de todos os erros, como a Sphinge egypciaca a desafiar o embate perpetuo das areias calcinadas do Sudan. Quando se esgotará o velho arsenal da impiedade?

Se esses apostolos ardidos da ruina e do esphacelo, não se deslembrassem de que a religião é o só anteparo bastantemente forte para pulverizar as vagas irriquetas dos vicios, se se demorassem, pouco que fosse, a escutar as lições dos annaes da humanidade, repassadas de expiencia e imparcialidade, haviam de moderar seus impetos e vergar-se junto á Cruz que hostilizam com tão ingrato desamor.

Na verdade a irriligião é o fermento, é o antecedente chronologico dos grandes desastres sociaes, é a humanidade haurindo em delirio e a plenos haustos o nectar envenenado de lubricas orgias, é o socialismo, a anarchia e o nihilismos tripudiando nas praças e nas ruas e hasteando bandeiras negras como a morte, ou rubras como o sangue; a irreligião é o Pariz de 89, é Danton e Robespierre, é Oliva e Passananti, é o altar da razão e o abismo do espiritalismo e a ruina das nacionalidades.

Todavia querem a irreligião, e para isso, soltam e repercutem em todos echos, o brado temerario da rebellião contra a Divindade!

AMOR DE ANJO

E' no hospital. De pustulas coheito,
 Pobre operario no seu catre jaz :
 De crengas tendo o coração deserto,
 De horror objecto o faz
 Aquelle estado da alma tão corrupto,
 Que o assimilha ao bruto !

Victima, como tantos n'esta eda le,
 Das mentiras da atroz revolução,
 Nos vicios transviou-se e na maldade ;
 E o nome de christão
 E a recta senda da honra abandonando,
 Tornou-se miserando.

Mas, do leito de dor á cabeceira,
 Mulher vê cheia de innocencia e amor,
 Que lhe é terna e solícita enfermeira,
 Toda renuncia e ardor,
 Do missionario alliando ás ardidezas
 Do anjo as delicadezas.

Portentoso contraste ! Unir extremos
 Praz á religião celestial,
 Para exaltar do bem clarões supremos
 Ante as sombras do mal,
 Ou fazer triumphar pura virtude
 Do crime torpe e rude.

Desvellos tantos vendo, o inferno exclama :
 « Amas-me realmente, ó minha irmã ? ! »
 « Duvidal-o ? » — responde a humilde dama,
 Sem affectação vã ; —
 « Pois do amor vinginal a voz escuta,
 « E o seu valor reputa.

« Uma verdade ha santa, alta, divina,
 « E esta verdade, toda amor e luz,
 « Que as dedicações todas origina,
 « Tem por nome Jesus ! »
 Pouco depois, o pobre obreiro a alma
 Rendia em doce calma.

Mas antes de a render á Divindade,
 P'ra da justiça alfim julgada ser,
 Elle a rendera á Irmã de caridade,
 Para absolvida a ver
 Pela clemencia, supplicando á madre:
 «Irmã, traze-me um padre!»

A. Moreira Bello.

ANARCHIA

Delicta.....lues
 donec templa refeceris
secesque labentes Deorum, et
 foeda nigro simulacra fumo.

Hor. ode VI L. III.

Não pôde o nosso seculo furtar-se á lei da convergencia historica. Içou tambem o seu labaro e n'elle traçou a carvão esta legenda ciclica—*delenda religio*—o arrasamento vandalico de todo o sentimento theogonico, crescido e abençoado pelas edades todas que ficam na vertente d'além, a vertente em que já se fez noite, a noite eterna do passado.

E' uma edade de ruinas: não vibra o martello do operario que edifica, alçaprema a alavanca do barbaro que demole.

Desde 1879 que dura o assalto contra a quadrella religiosa. Desde ahí o atheismo, erguido alto o seu estandarte de fogo, ha açulado a nevrose do vicio e accendido a fogueira rubra de quantas tragedias fecunda o noivado do sangue e da ruina.

O estadio da lucta é amplissimo, o coliseu da iniqua refrega não o lindam balisas: estende-se por toda a maior cintura do orbe, desde onde a civilisação aurorêa até onde ella desmaia. Deu-lhe a Europa o berço doirado, a alma satanica insuflou-li'a Voltaire, Paris ministrou-lhe um enorme baptismo de sangue.

Creou azas de latissima envergadura, empolgou com as

garras do monstro as manifestações mais pulchras do progresso, as legislações, os costumes, as sciencias, as artes, as industrias. . .

Consegui derrubar a religião do throno d'onde longamente regêra os povos e assentou ella, a impiedade, o seu reinado tenebroso, a sua dictadura nefanda!

Magoam-se-nos os olhos se contemplamos o conspecto de tristura que ahi se desdobra á crua evidencia da civilização mais louçã.

Até á infeliz plebe anonyma que lida e se agita, no campo, nas praças, nas fabricas, onde quer que haja um trabalho duro, já lhe arrancaram da alma a idea de Deus, já lhe inspiraram desesperos de féra!

Arma-se do fogo e dynamitisa!

Arma-se do punhal e assassina!

Rompe-lhe do peito a descrença torcionada em espantosas blasphemias, assoma-lhe da garganta a inveja diluida em amarissimas e inauditas imprecações.

A justiça humana?

Que lhe importa ao povo atheu a justiça, se na linha tragica do horisonte nada mais vê do que um zero tenebroso, sinistro como a basecula d'uma guilhotina?

O vilipendio? Que lhe importa? que importa ao impio que o preguem na cruz maldita do vilipendio ou lhe esfarapem o nome, a fama, a honra, tudo. se essa voz de condemnação é egual á sua e não a alteia a flamma do bem e da justiça suprema e incorruptivel?

Assim, velada ou extincta a noção da Divindade, no coração da humanidade, não assombra encontrarem-se fundibularios da negação absoluta em toda a vasta arena.

Em tempos que a saudade recorda com lagrimas, havia ideaes por amor de que o homem jubilosamente subia os calvarios mais asperos e abraçava os sacrificios mais angustiosos. Tinha honra austera, e fé ardente—sen broquel de diamante contra os aviltamentos inconfessaveis.

Hoje não, soltou-se do alcaçar de suas glorias — o templo — rompeu os laços mysticos que á alma davam o *lumen divinum*. Livre então, como nas planuras a aguia real, abriu o grande riso cynico e frechou contra seu Deus um carcaz de insultos, um graniso de sarcasmos. Aqui esgrimiou contra os dogmas e contra os altissimos misterios da crença apontando-os aos illuminados como «uma muralha de treva erguida em frente dos adejos da razão soberana»: além rugiu bravamente contra o ferreo cingulo de preccitos «que arrocham a vontade e pulverisam a liberdade». Depois, entrando pela historia, agora nos aponta o impio o Concilio do Vaticano, — «o tumulto da Razão» —, adeante a Inquisição «ainda quente das tragicas fogueiras e humida de sangue innocente;» logo a seguir vem as imprecações contra o Papado — «o capitolio da tirannia, o travão do evolver sociologico», e as lagrimas que todo o bom fiel chora deante dos tumulos de Galileu e Giordano — «os prophetas da sciencia» — e S. Barthelemy e as Cevennes — «epopeas do fanatismo», e a Companhia de Jesus — «a mais opulenta empreza commercial de que ha memoria» — e os religiosos contemplativos — «a santificação da ociosidade, a violação da universal lei do trabalho», e os conventos — «os fortins do estacionamento», e. . . segue sempre n'uma seriação infundavel de enepcias como as soe inspirar o connubio do odio e da ignorancia.

E' evidente, portanto, o desprezo pela religião tradicional que aos nossos queridos maiores deu ousio e gloria por lançal-os na singradura epopaica dos oceanos tenebrosos.

Hoje não se vae á conquista com a espada á cintura e ao peito a cruz; é mais facil: basta que nas commissuras dos labios se esboce o desdem cynico e se soletre o evangelho segundo Renan: Basta ser ignorante e atrevido.

E' assim que se ascende ao Olympo: *sic itur ad astra!*

E' poeta? Não lhe franquearão entrada os clavicularios do novo ceu sem que teça olente grinanda á nudez, ao bordel, ou lance o seu rojão contra o velho Jehovah.

E' Romancista? Se quer assento entre os celicolas fuja

da virtude e de Deus como da cruz o diabo, converta a pena em vassoura e esgaravate morças de lixo, descreva a corja, desça ás sentinas, ás alcovas, aos saguões.

E' assim; é esse o caminho para a gloria.

E' philosopho? Não cingirá a roçagante toga de pensador sem medir a envergadura do seu raciocinio em justas briosas contra as mais inconcussas bases da theogonia christã. Diga que a immortalidade, a alma, Deus, a virtude são inventos caprichosos da ignorancia, e terá bipatentes as roseas portas do Empireo.

E' artista? Faça palpitar em suas telas a lubricidade, com o escopro dê vida á immoralidade, combine a gamma em perversões de sentimento, no theatro inflore o vicio e sem deixar perder ensejo, estampe-lhe a maga effigie nos productos da industria. Assim a tuba canora da fama levantar-lhe-ha o gran nome até as estrellas remotas.

Mas, por ingente que seja o pleito, não será arreada a cruz. Os inimigos que contra ella batallham alçal-a-hão mais, a seu pesar. Adicionarão uma gloria ás mil que a constellam.

P.^e Antonio Hermano.

O SUICIDIO

O suicidio está-se tornando uma molestia endemica. Rarissimo é o dia em que a imprensa na sua ancia tantalica de noticias, não vae lançar alguns braçados de lenha no pavoroso incendio, condimentando os preciosos casos que os engajadores do escandalo, chamados *reporters*, devassam e farejam.

E' deveras triste o modo como a imprensa desfia e disseca o crime, expondo-o em toda a sua repulsiva nudez e nas suas minucias mais occultas e com certeza pouco aptas para voarem nas livres auras da publicidade.

Ainda se, em desconto de tal perversão, ella o stigmatissasse com o ferro candente d'uma reprovação energica, e o avergoasse rijamente com o ridiculo que fulmina, com a ironia que morde e com o desprezo que avilta. . . Mas não; alinda-o, enflora-o, engrinaldo-o com phrases de sincero applauso, e franco enthusiasmo! Chega a tornal-o sympathico a força de o perfumar. Serve ao leitor incauto doces de veneno em frascos de rhetorica.

Se a historia é, como disse o mais eloquente dos romanos, a mestra da vida. tracejemos em esboço a do suicidio. Talvez d'ahi ressumbrem algumas considerações ajustaveis á nossa epoca, que ao passo que liba com delicia e phrenesi a taça espumosa do mais doce prazer, ingere tambem o veneno das mais lancinantes dores e da mais pungente miseria. Ha na historia das nações traços d'uma semelhança verdadeiramente photographica, ha lanços que se reproduzem com inverosimil nitidez, ha pontos de vista que offerecem a mesmissima perspectiva, mostrando como a sociedade gira n'um circulo quasi rotineiro de barbarie e civilisação, de progresso e decadencia. Collija pois a chronica os preciosos documentôs guardados n'esse riquissimo repositorio; confronte, induza e pondere as illações, averbe as causas, aponte os erros, indique os remedios; beba o nectar de tantos ensinamentos, que a sabedoria dos seculos alli condensou.

Ha suicidios e suicidios. Uns, de minorada culpabilidade, brotam d'alguma ideia generosa, da superstição ou da força despotica do uso, taes são os das viúvas indianas; tal foi tambem o suicidio de Bruto e de Cassio que viram vencido nos plainos de Philippes o seu patriotismo estreme e heroico. Outros gera os o egoismo e a descrença, são o fructo nefasto dos mil attritos e contrariedades, que a civilisação arrasta d'envolta. Este quasi se não encontra na anti-guidade. Platão, cuja vista de fogo, penetrou fundo nas regiões do incognito, chama aos suicidas—cobardes desertores—no seu Phaedon.

Só o stoicismo—a escola do orgulho—considerava o suicídio uma heroicidade.

O paganismo destinava um lugar no Tartaro áquelles que se arrancavam a vida: *proxima deinde tenent mœsti loca qui sibi laethum insontes peperere manu...*

Em muitas legislações encontram-se penas severas, ainda que posthumas, decretadas contra os que cobardemente desertam da vida. O christianismo tambem o condemna com vehemencia e o castiga com severidade.

Levanta-se pois na historia um côro de vozes protestando contra o suicídio.

E' a força esmagadora do *consenso unanime*.

Em tempos que vão, quando o homem sabia mostrar-se homem pela nobre altivez de sua dignidade, pela fixidez inquebrantavel do seu credo, pela rigidez de sua moral, pela constancia fecundante no trabalho, pela audacia bellica, pela dedicação á patria, pelo culto á verdade e pelo amor á familia; quando o homem era rude como um bloco, mas ingenuo como uma creança, liso como uma lamina de Toledo, e viril como o leão da floresta; quando se prostrava reverente perante Deus, e se levantava terso e firme perante os homens, então o suicídio era uma palavra sem significação pratica. Não havia estes desfallecimentos repulsivos, estes desvairamentos de egoismo, esta symptomatica lassidão.

«Parece, escrevia uma penna illustre, parece que d'uns para outros centros populosos, um vento de morte leva como que um pollen de loucura, d'onde germina, como d'uma estranha flor de sangue, a ideia allucinadora da morte.» Mas qual a origem primordial d'esta attracção para o abysmo d'esse fatal delirio? porque é que a ave tetrica da morte pelo suicídio, paira fatidicamente por sobre os centros de população e ali arrepanha a quasi totalidade de suas victimas? Pois não parece um flagrante illogismo, que a cifra dos suicídios augmente pavorosamente, onde a esteira do progresso é mais ampla, e a luz refulgentissima d'esse sol bate em cheio? Pois não parece isso uma garga-

lhada mephistophelica a retinir um som d'escarneo em meio da civilisação?

E' facil, com a lente da reflexão, surprehender as causas da fatal nevrose e com o bistori da critica retallar o cancro. Cedamos o logar ao primoroso escriptor já citado, que com fino eriterio aponta os porquês do suicidio.

«Cheia a existencia de facilidades e doçuras materiaes, reproduzidas á saciedade, perdidos os habitos viris da lueta, afrouxadas todas as energias que são a gloria e o equilibrio da raça humana, desenvolvidas, refinadas as facultades do sentimento e da intelligencia á custa do enfraquecimento da vontade, obtidas muitas conquistas sociaes, que não trouxeram ao mundo a felicidade que promettiam, dada a desproporção entre as garantias alcançadas e a fraca aptidão e senso moral para as tornar fecundas; sem saudade de um passado infeliz mas sem esperanza n'um futuro incerto—o homem enfraquecido pela flacidez d'esses costumes brandos, em que engordou a burguezia endinheirada, não sendo obrigado a luctar por ideias ou paixões, tem apenas o trabalho de defender o seu egoismo de fraco contra milhões de egoismos dos seus similhantes.—Abatido, desorientado no meio das *conquistas da civilização*, usado por uma actividade febril, mas dispersa, sem enthusiasmo e sem crença, precipita-se na morte por tedio de viver.»

Estas considerações, tão cheias de bom senso são de molde a concluímos que a falsa civilisação, desvairando os espiritos, aniquilando todas as energias e amortecendo todas as crenças, é uma poderosa causal da nodoa social que stigmatizamos. Mas ouçamos ainda o talentoso estilista. «O que hoje torna o horror á vida mais tragico, o suicidio um espectáculo ainda mais doloroso—é a falta—cada vez maior, do sentimento religioso da morte.

.....

Nos grandes centros pelo menos, o sentimento religioso arrefece no coração das massas, que a vida desorienta por isso mesmo que o cerebro lhes não compensa o que perderam de nativo e ingenuo sentimento. E assim n'este mundo

descrente, desilludido, que já não perfuma a poesia da fé a illuminar de promessas a *outra vida*,—a attracção para a morte—para uma morte de cujo misterio já não resurgirá a borboleta branca da alma, irisada, pura, levissima, subindo n'um raio de luz divina para uma região de contos e maravilhas, onde se consolariam todos os que tivessem soffrido as amarguras do mundo—toma as proporções sinistras de uma ronda de desgraçadissimos espectros humanos, cujo destino inverosimilmente cruel é despenharem-se n'uma eternidade de sombras.»

A irreligião é pois o charco que reune no fundo a salugem do suicidio.

Na verdade o descrente é logico, quando para se furtar á dôr acerba que o crucia ou á desillusão que o petrifica, ou ao ciume que o consome, ou ao tedio que o domina, vara o coração com a ponta d'um punhal ou desfecha contra o craneo um revólver.

Pois o que é que ha de amparal-o no cairal do precipicio?

Nada Não lhe lucila alem-campa a mais tenue esperança, não o segura a força do dever, nem a voz da razão nem a alma que julga ser uma ficção, nem Deus, em quem não crê. Por isso, arremessa-se confiado ao seio do—*Grande Nada*.

Rodrigo Moreno.

Vantagens da educação em collegios

A educação em collegios tem consideraveis vantagens. Note-se porém que não fallo aqui senão dos collegios bem dirigidos e não dos muitos *hoteis de estudantes* que se abo-toam indevidamente com aquelle nome. N'estes é peor a educação do que a das ruas.

Os collegiaes habituaem-se a uma alimentação simples, sadia e ministrada a horas regulares. Este regimen é incon-

testavelmente mais util para o robustecimento das creanças do que o seguido no seio das familias, onde comem a toda a hora e se estragam com goloscimas.

Como têm as aulas em casa, não necessitam de percorrer diariamente as ruas expondo-se a todas as intemperies ou faltando ás lições para evitar os rigores do tempo. Com as aulas no edificio em que habitam lucra portanto a saude e a assiduidade.

Economicamente tambem os collegios em geral são preferiveis. Cada collegial gasta por dia pouco mais de 300 reis, quantia insufficiente para uma installação commoda em casa particular. De modo que o collegio fornece alimentação, aulas e educação pelo preço que em outra parte mal daria para alimentação. Se me dizem que além da mensalidade ha no collegio *os extraordinarios* responderei que ha collegios em que essas despezas se deduzem ao strictamente necessario, isto é, a despezas que o alumno teria de fazer fatalmente, estivesse onde estivesse.

Tambem sob o ponto de vista moral e religioso, é preferivel a educação em collegios em que haja uma direcção activa. O racato do internato obsta a que os alumnos conheçam cedo os perigos, as seducções das ruas, livra-os de maus companheiros, que os ha sempre consummados no vicio e promptos a guiar para lá as creanças inexperientes, livra-os de bastantes maus habitos, como o fumo, o jogo, a vadiagem, etc.

Além d'esta importante vantagem moral negativa, ha outra positiva: a aula de educação, as practicas religiosas, os multiplos meios enfim de que o educador por obrigação professional lança mão.

Contestou alguém a superioridade da educação moral em collegios. E' improcedente tal contestação por ser falso ou mal comprehendido o motivo que ordinariamente a determina. O *sésstro* a que se referem, quasi desaparece onde a vigilancia é constante, activa e prudente e onde é radical a separação dos alumnos das differentes classes. Além d'isso, não é mal endemico dos collegios: existe em maior escala nos lyceus, nos externatos de qualquer especie, etc. Portanto, se com

tal fundamento repudiarem a educação collegial, qual deverão preferir?

A dos externatos é evidentemente peor, a educação em familia é quasi impossivel por dispendiosissima e por outros motivos... Qual então?

E os habitos de obediencia a seus superiores que gera caracteres doces, humildes respeitadores? e a ordem, a regularidade, a pontualidade, na distribuição do tempo, o nobre sentimento de camaradagem, as affeições perduraveis que gera a convivencia longa sob o mesmo tecto e a conjugação harmonica de deveres e direitos eguaes, alegrias e prazeres communs, não valerá nada tudo isto? Vale sim, e muito, na vida o ser obediente e docil, ser ordeiro, ser bom camarada, ter affeições que perdurem.

Pelo lado litterario está exuberantemente provado que os collegios em geral sobrepujam os externatos de qualquer natureza. Nos collegios as horas estão todas reguladas, combinadas; cada cousa, cada occupação, tem seu lugar marcado, definido.

Ha as aulas, mas ha tambem os *estudos*, necessarios para o preparo das lições, presididos pelos professores que obrigam á applicação.

A frequencia é assidua: os alumnos estão dentro por isso não faltam nem elles nem os professores senão em caso de doença. Além d'isso os professores tem á mão meios coercitivos efficazes sem serem penosos, para os internos, tendo para os externos quasi só o misero espantallo das notas.

O resultado ahi visto todos os annos é concludente. Os externos, perdido tempo sem conta nas passeatas para as aulas, na vadiagem, nos brodios, no jogo, etc., desperdiçam annos sobre annos não obtendo *medias* ou tomando para si a parte do leão no contingente das reprovações.

Em summa: o collegio é superior ao externato sobre o ponto de vista organico, moral, social, religioso, litterario e economico e os raros defeitos que possa ter não conseguem annullar as vantagem e garantias educativas que offerece.

Bruno d'Almeida.

MEDITAÇÕES

A guerra!

A's portas do seculo XX, na extrema da epoca fulgurante do progresso sociologico, recorre se á violencia brutal da guerra, lavam-se com o sangue de milhares de vidas as affrontas ao brio dos povos!

Esta regressão aos tempos ominosos da barbarie assombra, depois de se ter desperdiçado um seculo inteiro a evangelisar os foraes da liberdade e o direito do homem e a Biblia da civilisação.

Desapparecerá pois, este empavesado seculo sem que o ancião do Vaticano seja eleito o supremo arbitro das gentes e do direito internacional se expulsa a guerra essa vergonha dos tempos modernos?

Desatavie-se então das suas glorias mentidas e recolha-se á crypta da historia, mais modesto que os que o precederam, e em vez de—*seculo das luzes*,—inscreva no seu cinerario esta tarja estúpida—*o seculo da metralha!*

Um couraçado.

Um couraçado é a formula mais exacta do poder e do genio da civilisação hodierna. Cidadella fluctuante, abrigando por vezes no bojo enorme milhares d'homens, tendo em suas boccas de fogo a descommunal potencia de fazer ruir e render cidades e fortalezas, impõe a vontade dos povos em toda a parte onde haja mares para singrar.

São os formidaveis pulmões das nações.

Um couraçado é o esforço supremo do genio das sciencias. Os mais grandiosos inventos da Phisica e da Mathematica, os segredos da Chimica, os arrojios da Astronomia todas as sciencias positivas se exhaurem n'um enfeixamento de elementos e de concurso para o acabamento d'aquella soberba synthese do seu poder.

E' a mais completa das academias.

P.º Antonio Hermano.